

Caribe

SÔBRE A COLETÂNEA DE LENDAS DOS INDIOS
DO BRASIL DE HERBERT BALDUS

por

NUNES PEREIRA

Herbert Baldus é professor de Etnologia Brasileira na Escola Livre de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo e, há muito, se impoz à consideração dos estudiosos do Índio, ao lado das figuras mais representativas da antropologia e da etnologia, que visitaram o Brasil ou nele se fixaram. Melo Leitão, talvez por isso, foi levado a registrar-lhe as atividades, com a mesma simpatia por que o fez em relação a Curt Nimuendajú, e a incluí-lo, como a êste, — embora ambos fossem alemães — no grupo de cientistas brasileiros cujas expedições historiou.

Três expedições científicas realizou Herbert Baldus, segundo ele próprio nos informa: aos Kaingang de Palmas e aos Guayaki, em 1933; aos Bororo do Meruri e Sangradouro, bem assim aos Tereno, em 1934; aos Bororo da aldeia Tori-parú, aos Karajá e Tapirapé, em 1935.

As viagens de 1933-1934 foram subvencionadas pela Notgemeinschaft der Deutscher Wissenschaft, de Berlim, e as de 1935 pelo Dr. Samuel Ribeiro, de São Paulo, por intermédio do Instituto Histórico e Geográfico daquele Estado.

Os resultados dessas expedições foram divulgados por Anthropos, de Viena, no Anzeiger Ethnologischer, de Stuttgart, nos Anales de la Sociedad Científica Argentina, de Buenos Aires, na Revista do Arquivo Municipal, de São Paulo, e em Pindorama (Zeitschrift Zur Förderung der Brasilkunde), também de São Paulo.

Afonso de E. Taunay, em vários tomos da Revista do Museu Paulista, publicou estudos de Herbert Baldus. E a direção da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo divulgou, em separata, dois excelentes trabalhos de Herbert Baldus: "Instruções gerais para pesquisars tecnográficas entre os índios do Brasil" e "O Conceito do Tempo entre os Índios do Brasil".

A Editora Nacional, por fim, reuniu todos os resultados daquelas viagens e outros estudos no volume 101 da *Brasiliana*, sob o título de “Ensaio de Etnologia Brasileira”, que é um dos mais preciosos dessa coleção.

* * *

Esta não é, de certo, a ocasião reclamada para que lhe apreciemos largamente as expedições e as obras acima citadas e lhe definamos a posição de etnólogo, pois qualquer uma delas exigiria substancial ensaio e não é possível tentar-se aquela definição sem a autoridade de conhecimentos que lhe são familiares. Além disso, não é possível, também, separar-se nessa personalidade o etnólogo do sociólogo, porque ambos nela coexistem, caracterizando os traços mais superficiais e mais profundos da sua formação e das suas tendências.

Relativamente ao valor das pesquisas, que aquelas expedições possibilitaram, basta que salientemos o seguinte:

Já haviam sido estudados os Kaingang ou Caincang, desde 1882, por Telemaco Borba e, posteriormente, por Hermann von Ihering e Curt Nimuendajú, quando Herbert Baldus foi visitá-los, em 1933, para surpreender, no culto que os mesmos prestam aos seus mortos, fatos que outros pesquisadores não registraram, o que representa assinalável contribuição aos estudos das relações dos seres do mundo visível com os seres do mundo sub-lunar.

E já haviam sido estudados, igualmente, os Bororo por Karl von den Steinen, desde 1894, e por A. Colbacchini e Cesar Albiseti, desde 1919, quando Herbert Baldus foi visitá-los, para fixar, então, com extraordinário vigor de analista, as reações psicológicas de um indivíduo Bororo — Tiago Marques ou Aipobereu — de cuja educação e instrução se haviam incumbido os Salesianos de Mato Grosso, levando-o até os principais países da Europa, incorporando-o à civilização, e vendo-o, tempos depois, reintegrar-se no seu habitat e ali passar a viver o estupendo drama de um desenraizado do mundo primitivo e do mundo contemporâneo.

Devemos tais resultados aos seus métodos de pesquisa no campo e à sua intimidade com uma literatura especializada, visto que Herbert Baldus desenvolveu entre nós formas de atividade idênticas às que notabilizaram o grupo alemão de pesquisadores relacionados e estudados por Melo Leitão e por outros historiadores da antropologia e da etnologia brasileira.

Mas ressalte-se, contudo, que para isso muito contribuiu seu conhecimento das atividades de pesquisadores modernos, do vulto de Westermann, por exemplo, estando absolutamente relacionado com a evolução da etnologia social, quando esta define e caracte-

riza os choques das raças ou quando aponta as modificações que estes ou aqueles indivíduos têm de suportar diante dos fenômenos peculiares à sociedade a que são violentamente encorporados.

E, quanto à personalidade de Herbert Baldus, como sociólogo, temos a salientar o seguinte: Com Emilio Willems, livre docente de Sociologia Educacional, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, publicou Herbert Baldus um Dicionário de Etnologia e Sociologia (1939). E culminou numa admirável realização o esforço que ambos dispenderam com o tríplice empenho de poder essa obra servir para consultas rápidas, manter a terminologia de uma ciência que, a nossa ver, também, já está além da sua fase inicial, garantir a sua utilidade didática. Destinado a servir, simultaneamente, os universitários nacionais e estrangeiros, êsse Dicionário demonstra, de modo cabal, “a estreita afinidade que existe, indubitavelmente, entre a etnologia e a sociologia” e delimita rigorosamente as duas matérias. E, conquanto Herbert Baldus se incumbisse da parte etnológica e Emilio Willems da parte sociológica, anotamos que os dois autores se moveram, desembaraçadamente e seguramente, ora diante de uma, ora diante de outra matéria, porque as dominam com pulso e cérebro de mestres. Estão de acordo, talvez, por essa razão, — como são afins as duas ciências que ensinam — em aplaudir as sugestões de Westermann, relativamente à importância da etnologia para a política colonial, tendo em vista não somente as populações da África e da Austrália mas as populações primitivas da América do Sul. Daí formularem esta pergunta, — quiçá indiscretamente aqui lembrada ao pretender o Governo abrir as portas do nosso país à imigração —: “Quando requererá o Governo brasileiro a colaboração da etnologia para uma conveniente administração das ainda imensas tribus de índios?”

* * *

Ora, é a êsse etnólogo, radicado a São Paulo, senhor de irradiante simpatia nos círculos universitários, e é ao autor de obras de tão justificado interesse, que devemos agora uma coletânea de lendas dos nossos índios, selecionadas e comentadas, de indiscutível mérito para os estudiosos da nossa demopsicologia ou folk-lore.

No fluente e límpido prefácio, com que nos apresenta essas lendas, Herbert Baldus esclarece que o seu trabalho tem por fim “familiarizar os leitores com a alma dos índios do Brasil” e foi feito “como pensamento em todos aqueles que procuram o eternamente humano nos diferentes povos da terra”.

E não há por que deixar-se de acreditar que consiga tudo isso,

especialmente acrescer o número dos que o admiram e com êle aprenderam as lições mais sutís e mais profundas da ciência que definiu, rigorosamente, na língua materna e na nossa. (Warum studieren wir brasilianischer Ethnologie?)

Temos de afirmar, preliminarmente, que a iniciativa de Herbert Baldus ainda é uma resultante das suas viagens, da sua especialização e da sua intimidade com o que outros autores já realizaram no que concerne a mitos, lendas, contos, histórias, superstições, cantigas, etc. do homem primitivo do Brasil, e é de justiça que a divulguemos, visto ser êle um dos raros continuadores da ação de cientistas nacionais e estrangeiros que lavraram a mesma seara.

Impõe-se-nos, entretanto, que, preliminarmente, do mesmo modo apontemos, no quadro onde o queremos situar, aquelas figuras de pesquisadores ilustres que visitaram, nas mais longínquas regiões do Brasil, o índio, estudando-lhe a língua, os costumes, a mentalidade e as origens remotíssimas.

Porque, nos primeiros dias da nossa formação, eram de tal modo absorventes as ocupações do povoador e do catequista que só fragmentos do folk-lore dessa gente nos chegaram até nós, através de memórias, de crônicas, de cartas, escritas, muitas vezes, à pressão de certas conveniências e de certos preconceitos. É verdade que no movimento cognominado Indianismo grande parte desse material, mesmo fragmentário, de origem nem sempre bem definida, foi arduamente divulgado e o seu valor cuidadosamente discutido. Só a partir, porém, de Martius e de Ehrenreich, que Capistrano de Abreu aponta como verdadeiro *fundador da etnografia brasílica*, e os seus continuadores, alemães na maioria, do brasileiro Couto de Magalhães e do americano Frederico Hartt, é que começaram a apreciá-lo, cientificamente, sendo que os dois últimos autores o fizeram de pontos de vista opostos: aquele, através da linguística e da didática, e este através da chamada teoria solar.

O material mitológico, estudado por esses pesquisadores, provinha, em sua totalidade, da família linguística tupi-guarani: Hartt estudou todo o ciclo de lendas do Jaboti em "The Amazonian Tortoise Myths", e Couto de Magalhães, narrando-as em português e em língua geral, em "O Selvagem", comentou dez episódios das lendas do Jaboti e treze relativos a outras lendas, que De Gubernatis, generalizando, agruparia, de certo, sob a denominação de "Mitologia zoologica".

Depois de Couto de Magalhães (referimo-nos aquí, preferentemente, a autores nacionais), foi Barbosa Rodrigues quem coletou o maior número de lendas do índio brasileiro, no 1.º volume da sua "Poranduba Amazonense".

Seu trabalho tem aspectos dignos de apreciação:

Pela primeira vez, entre nós, os mitos, as lendas, os contos,

as histórias, as superstições, as cantigas são agrupadas e classificadas, consoante as suas características, finalidade e procedência, em lendas mitológicas, contos zoológicos, contos astronômicos e botânicos.

Através da citada coletânea conhecemos os diferentes povos que jogavam com as peças dessa literatura oral e sua distribuição geográfica por toda a Amazônia. Abundantes comentários e esclarecimentos, do ponto de vista linguístico e etnográfico, projetam luz sobre essas peças, para melhor compreensão dos temas essenciais que neles ocorrem. Comparando, ao mesmo tempo o tupi e o guarani, desde Anchieta (1555) a Amaro Cavalcanti, e para lhes apontar a adulteração na pronúncia e na ortografia, Barbosa Rodrigues surpreendeu fatos sematológicos interessantíssimos.

Narradas em português, em estreita relação com o texto original, as lendas, os contos, as histórias foram, a seguir, apresentadas numa tradução rigorosa, na qual o autor só conservou, aqui e ali, elementos do linguajar do Índio que não tinham correspondente em português, evitando, assim, confusões e ambiguidades. Barbosa Rodrigues adotou esse processo de classificação e se abandonou àqueles requintes de tupinólogo seguindo o exemplo dos bons mestres estrangeiros, melhorando-o, entretanto, com a intuição, a penetração, os recursos, enfim, da cultura científica que possuía.

Na classificação desse material só Silvio Romero e João Ribeiro, estudando o nosso folk-lore, revelariam, depois, aspectos de igual valor.

Antonio Brandão de Amorim, amazonense — grande conhecedor de sua terra e da sua gente — após Barbosa Rodrigues, nos deu uma coletânea de lendas inegaláveis, em beleza e variedade, narrando-as em nheêngatú e português.

Divulgada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, a obra de Antonio Brandão de Amorim nos patenteia a alma dos indígenas do Rio Negro e do Rio Branco, nas suas ações pacíficas e nas suas epopéias, no seu humor e no seu drama, na ambiência, afinal da Amazônia, cujos heróis se chamam Jurupari, Poronominare, Buopé e Piripiri.

Nenhuma das obras anteriores, no gênero, condensou tantos elementos das origens, da tradição, da história, da vida, dos costumes, do panteísmo e da fantasia criadora do Índio.

Com a autoridade que lhe reconhecemos, Roquette Pinto, apreciando todas as lendas e histórias contadas a Brandão Amorim pelos índios amazonenses e que ele, por sua vez, tão generosamente nos transmitiu, escolheu a da Piripirioca, por mais bela dentre as que conhece. Ela está ligada às origens e ao destino da gente Baré, d'onde descende, como da dos Manao, a população atual da capital do Amazonas.

A seguir o grande historiador Capistrano de Abreu, com o seu estudo sobre a Língua dos Caxinauá, do rio Ibuacú, do vale do Juruá, utilizando-se da *memória latente* dos índios Bô-rô e Tux-i-ni, além de nos dar um vocabulário brasileiro-caxinauá e caxinauá-brasileiro, de confrontar essa língua e a dos Sipibos, nos deu, na mesma obra, uma coletânea de lendas, de contos, de histórias e até de anedotas, entre as quais defrontamos temas comuns e outras lendas e, muitos deles, absolutamente originais.

Capistrano de Abreu, partindo do preparo de um glossário, não penetrou apenas a estrutura viva de uma língua indígena, com a segurança que lhe vinha dos seus conhecimentos de filologia, mas a alma do Índio, na sua complexidade psicológica, também. Realizou uma obra de pura investigação científica, à sua maneira, fleumática e profunda, mas abrangendo exclusivamente a extensão natural e geográfica dos domínios dos Caxinauá.

Já Roquette Pinto, cuja vocação para os estudos antropológicos e etnográficos se denunciou desde a apresentação e defesa da sua tese na Faculdade de Medicina, Roquette Pinto, acompanhando Rondon na conquista das terras dos Pareci e Nhambiquara, incorporou aos resultados dessa epopéia tradições e lendas das referidas tribos, enriquecendo a literatura indígena com uma contribuição das mais assinaláveis.

Adotando a primeira classificação dos elementos do folk-lore, feitas por Silvio Romero, Gustavo Barroso publicou, em francês, no ano de 1930, uma coletânea de mitos, crenças e contos, que foram e são narrados por índios, negros e brancos do Brasil.

É uma obra feita à sombra das estantes, entre os livros dos autores acima citados e de outros, mas bem merecedora de ser consultada e lida, porque obedeceu a um critério novo, sem a rigidez científica da de um Capistrano de Abreu ou da de um Roquette Pinto.

Nela o autor levou em consideração, de modo especial, a importância dos ciclos não só o do Jaboti ou do Curupira, mas, também, o da Mucura e o do Dilúvio.

Luiz da Camara Cascudo, respingando, como o gênio do próprio Booz, entre as obras dos estudiosos e dos viajantes que andaram pelo Brasil afóra, desde o século XVI ao século XX, organizou a sua "Antologia do Folc-lore Brasileiro", sagrando-se, para logo, uma autoridade em demopsicologia.

Com um traço a mais de originalidade, na classificação, e com um talento mais expressivo, na pesquisa, e uma diretriz mais moderna da etnologia, os demais coletores que vão surgindo — tão escassamente! — entre nós se movem nos limites conquistados pelos mestres acima referidos e por mestres estrangeiros que aqui se

fixaram, como o Conde Stradelli, ou por aqui viajaram, como Koch Grünberg.

Todos, porém, foram suplantados por Curt Nimuendajú que, senhor de uma obra monumental, no gênero a que estamos aludindo, deixou inédita, por exemplo, uma coletânea de lendas e histórias escabrosas que atingiram o total de trezentas, d'onde o título que lhe pretendia dar, conforme pessoalmente nos comunicou, antes de subir, em novembro de 1945, com destino aos domínios dos Tukuna, do Solimões.

* * *

Herbert Baldus, agora, prosseguindo na obra dos seus mestres germânicos e, em particular, na dos brasileiros que aqui salientamos, nos oferece essa coletânea de lendas dos índios do Brasil, com igual generosidade e segurança, o que tem a força de nos fazer defrontar aspectos mais impressionantes da mentalidade indígena, selecionados e comentados, abrangendo as áreas culturais e as famílias linguísticas mais diversas.

Pena é que o número de lendas não vá além de vinte e uma e se esquecesse Herbert Baldus de incluir algumas que documentam, de maneira eloquente, a pujança da imaginação do Índio e o colorido da literatura oral que creou e estendeu até nós.

Sua coletânea, entretanto, nos oferece os produtos da mentalidade de índios das seguintes famílias linguísticas: Kaingang, Bororo, Aruaque, Caraiba, Guaicurú, Pano, Carajá, Tukano ou Betoya.

A autores, por assim dizer, clássicos, e a autores modernos, recorreu Herbert Baldus, para nos dar essa coletânea, porém nela aparece a sua contribuição, resultante, como acima dissemos, das suas viagens e dos seus estudos.

Seus comentários, correspondentes a vinte e uma lendas, são substanciosos, densos de um conhecimento invulgar da psicologia do Índio, das grandezas e misérias do seu meio, da origem que se atribue, da história que recebeu oralmente e oralmente vai transmitindo aos seus filhos.

Para a descrição dos seres peculiares ao habitat ou à determinada área cultural recorreu ele à descrição feita por cientistas especializados, como Martin e R. von Ihering.

Consideramos a maioria dos tópicos desses comentários de grande utilidade para a elucidação das lendas dessa coletânea, porque um bom número deles nasceu de observações diretas de quem os faz.

Herbert Baldus realizou, assim, tanto uma obra de classificação de certos mitos e de certas lendas, como de localização geo-

gráfica das mesmas, indo encontrar, ora entre os índios do Chaco, que estudou, ora entre os índios da Planície da América do Norte, variantes que Koch Grünberg e Curt Nimuendajú ali encontraram, e, antes deles, foi Ehrenreich encontrar na mitologia chinesa.

Manuseando, ao mesmo tempo que liamos a obra de Herbert Baldus, a obra de Stith Thompson, intitulada "Tales of the North American Indies, deparamos com variantes onde aparecem os mesmos temas das lendas que aquele coletou e entre as coletadas por outros autores.

O estudo comparativo da extensão geográfica ocupada pelos conservadores dos temas dessas lendas e das suas variantes, é verdadeiramente fascinador.

Naturalmente, com proporções superiores à que alcançaram, nos Estados Unidos, Franz Boas e Stith Thompson, sabe-se que Frederico Hartt pensou organizar uma coletânea de lendas e contos da literatura oral do Índio Brasileiro. Dado, porém, o volume do material e o plano que sua realização exigiria, Hartt teria de reunir em torno de sua pessoa pesquisadores e comentadores, do porte de Herbert Baldus, pois credenciais, como as que nos oferece nas suas obras e ao fim das suas viagens, são reclamadas para tais realizações. Demais, não há quem deixe de reconhecer, diante da sua coletânea de agora, que êle teve sempre especial cuidado de não adulterar nenhuma lenda, embora fazendo versões livres.

Os elementos, assim, que constituem, na literatura oral como na literatura escrita, a sua opulência ou a sua simplicidade lírica, o seu humor e até, a sua licenciosidade, o seu drama e a sua comédia, enfim, foram admiravelmente mantidos — representando uma realização das mais difíceis e das mais delicadas.

Essa contribuição de Herbert Baldus, sem dúvida, levará quem dela venha a ter conhecimento à compreensão, à admiração e ao estudo da alma do Índio, por que nos temos batido, verificando que, mesmo entre pessoas cultas e generosas, há sempre quem lhe volte as costas, com enfado e desprezo, não por preconceitos raciais mas por incompreensão do que há nele de humano, de universalmente humano.

Temos responsabilizado essa incompreensão pelo fracasso das tentativas levadas a efeito para incorporar o índio à sociedade contemporânea, quer a promovam missionários, quer a burocracia nacional.

E temos clamado contra a nossa inconsequência, deixando que se perca tudo o que é belo e é útil nessa alma do Índio, tudo o que nos pode dar a sua mentalidade e o seu coração, nas suas lendas, nas suas dansas e nas suas cantigas e nas suas músicas, como reforço àquela base antropológica e social de que nos fala Oliveira Viana tão reclamada pela evolução da nacionalidade.

Populações indígenas, outrora demograficamente consideráveis, desde o início do século atual, já não têm representantes sequer numa região como a Amazônia. É que, não obstante as instituições oficiais e o luxo dos regulamentos, essas populações tinham passado a viver marginalmente, desviadas da própria organização, tanto na vizinhança dos centros urbanos como nas longínquas fronteiras do Brasil.

Daí a sua posição em relação ao nosso destino.

Em consequência da cristalização de resíduos feudais no organismo das Américas, o Brasil ainda não conseguiu, acompanhando as conquistas democráticas do México que a proteção ao Índio se tornasse uma realidade social. Pesa, portanto, sobre nós, a ameaça de, como dizia Antonio Garcia, não termos amanhã força para carregar o cadáver do Índio, se êle continuar morto civilmente. . .

E, embora êsse esforço seja bem mais belo e mais penoso do que coletar lendas, quer a isso se entregue um Barbosa Rodrigues ou um Herbert Baldus, é imperioso que o realizemos, visto que, até nos temas essenciais dessas lendas, se nos faltarem outras fontes de energia, encontraremos elementos de desassombro e de cooperação, de inteligência e de astúcia, de objetividade e de fantasia, tão necessários ao homem e às sociedades que aspiram ser livres e, consequentemente, felizes.